

Perspectivas teórico-epistemológicas sobre o conceito na Organização do conhecimento: o discurso brasileiro

Theoretical and epistemological perspectives on the concept in the Knowledge Organization: the Brazilian discourse

MARIVALDE MOACIR FRANCELIN

Professor Adjunto I da Universidade Federal do Pernambuco (UFPE) – Brasil
mfrancelin@yahoo.com.br

NAIR YUMIKO KOBASHI

Professora Livre-Docente da Universidade de São Paulo (USP) – Brasil
nykobash@usp.br

Resumo

Analisa algumas perspectivas epistemológicas sobre o conceito na Organização do conhecimento com base em Ingetraut Dahlberg, Maria Pozzi e Birger Hjørland. Apresenta síntese de pesquisa sobre o conceito em periódicos de Ciência da Informação, identificando linhas de força teóricas e metodológicas no discurso de pesquisadores brasileiros. Conclui que predominam modelos lógico-positivistas em abordagens dogmáticas e críticas. Indica a necessidade de discussões epistemológicas sobre teorias de fixação e de formação e uso de conceitos.

Palavras-chave: Conceito, Organização do Conhecimento, Epistemologia, Teorias do Conceito, Ciência da Informação.

Abstract

Analyzes some epistemological perspectives on the concept in Knowledge Organization based on Ingetraut Dahlberg, Maria Pozzi and Birger Hjørland. Presents a synthesis of research on the concept of information science journals, identifying lines of force in the theoretical and methodological discourse of Brazilian researchers. Concludes that predominate logical positivist approaches and dogmatic criticism. Indicates the need for epistemological discussions about theories of fixation and training and use of concepts.

Keywords: Concept, Knowledge Organization, Epistemology, Theories of Concept, Information Science.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma síntese de parte da pesquisa de doutorado intitulada “*Ordem dos conceitos na organização da informação e do conhecimento*” (Francelin, 2010). Na pesquisa defendemos que os conceitos são objetos de diversas disciplinas do conhecimento e apresentam-se em diversas perspectivas, muitas vezes exploradas acriticamente na área de Organização da informação e do conhecimento. Muitos discursos sobre o conceito têm base teórica e abstrata, não prevalecendo, porém, princípios lógico-formais e operacionais.

Na primeira parte deste trabalho, procuramos apresentar uma discussão sobre o conceito nas perspectivas de Ingetrout Dahlberg, Maria Pozzi e Birger Hjørland, destacando as variações teóricas e epistemológicas das abordagens.

Em seguida, a partir da identificação das principais correntes de abordagem do conceito por pesquisadores brasileiros da área de Organização da informação e do conhecimento, apresentamos os resultados do estudo, cujo *corpus* foi constituído de artigos de periódicos de Ciência da Informação. Nossa hipótese de partida é de que tais abordagens estariam calcadas em vertentes do positivismo lógico.

O conceito é objeto relevante na Organização do conhecimento. Sua importância no universo do conhecimento tem tido destaque desde a filosofia grega. Em períodos mais recentes, fatores sociocognitivos e tecno-lógicos imprimem outras abordagens ao conceito. Elas podem ser linguísticas, cognitivas, lógicas, terminológicas ou socioterminológicas.

2. TEORIA ANALÍTICA DO CONCEITO

Em 1972, duas palestras, “Teoria da classificação, ontem e hoje” e “O futuro das linguagens de indexação”, foram proferidas por Ingetrout Dahlberg na Conferência Brasileira de Classificação Bibliográfica, realizada no Rio de Janeiro. A publicação das palestras ocorreu apenas em 1979, em Brasília, por meio do IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia) e da ABDF (Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal) (Dahlberg, 1979a; 1979b).

Na ocasião, Dahlberg levantou uma questão importante: como resolver os problemas do processamento informacional em bases de dados e com que teoria seria possível obter melhores resultados. Uma das soluções propostas por Dahlberg foi buscar, por meio de uma teoria lógico-analítica, a compreensão da natureza dos conceitos - sistematizada na chamada *Teoria Analítica do Conceito*, mais conhecida como *Teoria do Conceito*.

No 8º Congresso de Biblioteconomia e Documentação, ocorrido em Brasília em 1975, Dahlberg ministrou uma aula que, em 1978, é publicada na revista *Ciência da Informação* com o título “Teoria do Conceito” (Dahlberg, 1978a). Nesse texto, recorrentemente citado nos estudos dos pesquisadores brasileiros da Ciência da Informação, estão sintetizadas as bases da Teoria do Conceito, largamente utilizada nas análises de conceitos na Organização do Conhecimento.

Dahlberg (1978b, pp.1-4) observa que os sistemas de organização de conceitos, notadamente o de Eugen Wüster e da ISO/TC37, foram concebidos para as áreas da Tecnologia e

das Ciências Naturais. Os conceitos dessas áreas, segundo Dahlberg, tendem à normalização e à padronização, sendo menos propensos à polissemia e à ambiguidade. Essa situação não ocorre nas Ciências Sociais, onde os conceitos são, por natureza, polissêmicos e ambíguos devido, talvez, à “[...] confiança quase exclusiva dos cientistas sociais no uso de termos derivados dos usos da língua comum [que] resulta numa proliferação de significados [...]”. (Dahlberg, 1978b, p. 3). Conceitos como democracia, liberdade e capitalismo são sedimentados nas Ciências Sociais e, por outro lado, o nível de complexidade e a variação de seus significados e aplicações são amplos. Como solução possível para esse “problema”, Dahlberg (1978b, p. 4) propõe um “[...] modelo analítico idealizado para elucidar a natureza e a estrutura dos conceitos [...]”.

Nessa perspectiva, o conceito é definido como uma “unidade de conhecimento”. Elucida também o que considera conhecimento.

Se o conhecimento pode ser considerado a totalidade de proposições verdadeiras sobre o mundo, existindo – em geral – nos documentos ou nas cabeças das pessoas, então o conhecimento pode parecer existir também em todas as afirmações verdadeiras (em todos os julgamentos) e em todas as proposições científicas que obedecem a um postulado verdadeiro. (Dahlberg, 1978b, p.5).

Dahlberg (1978b, p. 6) considera necessário identificar um referente (ideias, objetos, fatos, leis, propriedades, ações, etc.), fazer afirmações corretas, verificáveis e verdadeiras sobre ele, que possam ser transmitidas verbalmente por meio de um nome ou termo. Portanto, segundo Campos (2001, p. 103), o conceito de Dahlberg é constituído pelo referente, suas características e a forma verbal pela qual é expresso.

Cada afirmação correta sobre o referente é um *elemento de conhecimento* sobre ele e o total de afirmações corretas sobre o referente forma a *unidade de conhecimento*, ou seja, o conceito.

Apesar de, aparentemente, não ter como objetivo a construção de uma teoria que contemple variantes de forma e usos do conceito em espaços de linguagem que não sejam os técnico-científicos, Dahlberg procura parâmetros nas escolas filosóficas aptos a fundamentar um sistema de ordenação de conceitos. Dessa maneira, Lógica, Teoria da Ciência, Epistemologia, Ontologia, Fenomenologia, Aletologia e Metafísica são campos da Filosofia que se preocupam com o conceito e podem ter influência nos sistemas de ordenação (*ordering*) de conceitos. De acordo com Dahlberg (1991) cada disciplina atua sobre o conceito de forma distinta.

Na **Lógica**, *logos* é palavra que representa o conceito. O conceito é composto por características, que também são conceitos, desde que relacionadas com o objeto (*subject*) da predicação, o referente. Para Kant e Frege, os conceitos são baseados em funções. Segundo Kant (apud Dahlberg, 1991, p.106), uma função é o ato de ordenar ideias diferentes em uma ideia comum. A partir de tais conceitos é possível produzir julgamentos sobre algo. Para Frege, segundo a autora, o valor de uma função, ou seja, de um conceito, é sempre um valor de verdade. Um conceito, segundo Frege, é o significado de um predicado (*A concept is the meaning of a predicate*).

A **Teoria da Ciência** distingue os conceitos como: classificatórios (*classificatory*), comparativos e quantitativos ou métricos. A Teoria da ciência se preocupa, segundo Dahlberg (1991, p. 109), com as atividades e resultados da ciência, com a “criação do conhecimento”. Esse tipo de afirmação revela, segundo a autora, o que sabemos sobre algo, isto é, revela um elemento de conhecimento de um item de referência, levando-nos a reconhecer uma quantidade necessária de características predicativas acumuladas em uma “unidade de conhecimento”. Os tipos de unidades de conhecimento (de conceitos) variam de acordo com os tipos de itens de referência (um objeto, um lugar, uma propriedade, uma teoria, etc.).

Na Teoria da Ciência, os conteúdos dos campos temáticos ou de assunto são determinados dentro das disciplinas, partindo de componentes típicos de uma série de outros componentes. Dahlberg lembra que é comum esses campos temáticos ou de assunto buscarem, ao adquirirem suficiente maturidade, novos campos temáticos dentro da própria disciplina ou em outras disciplinas.

A raiz grega de **Epistemologia** é *episteme*, que significa conhecimento de algo representado em declarações, proposições e juízos. Como na lógica, também há relação entre conceitos e linguagem. A diferença é que na epistemologia é possível comparar, mentalmente (ou cognitivamente), aquisições e ações anteriores. A análise das características de um conceito introduz uma espécie de ação cognitiva sobre o próprio conceito. Essa análise é chamada de subjetiva por Dahlberg (1991, p.110) e, para transformá-la em objetiva, é necessário definir essas características, divulgá-las e ter aceitação pública de uma comunidade de conhecimento.

Como ciência do *ser* em todas as suas formas e maneiras, a **Ontologia** se preocupa com os conceitos básicos de tudo o que se relaciona com objetos e pode ser ordenado em categorias diante da experiência (Aristóteles e Kant).

No campo da **Fenomenologia**, os estudos hermenêuticos interpretam os conteúdos dos termos (dos conceitos representados) nos textos. A Hermenêutica é conhecida como uma teoria de interpretação de textos. Segundo Dahlberg (1991, p. 114), é um método útil à Fenomenologia e à Biblioteconomia e Ciência da Informação, que pode ser usado para a interpretação de significados de palavras (análise de assunto e tradução de linguagem natural para linguagem artificial).

Aletologia, de acordo com Dahlberg, é o campo de estudos filosóficos sobre a verdade. Buscar a verdade, em suas diversas formas de apresentação, é importante para a Filosofia e para as ciências, sendo que a definição de conceitos e a ordenação de sistemas conceituais são parte dessa busca.

A **Metafísica**, base de toda experiência e fornecedora dos princípios da cognição, não pode ser esquecida quando se fala de conceitos e sistemas conceituais. Dahlberg (1991, pp. 115-116) lembra que alguns dos grandes pensadores da área que criaram sistemas de “ordenação” (Dewey e Ranganathan) tiveram interesse pela metafísica. Essa influência teve muitas variações com o pragmatismo, de versão anti-metafísica (*unmetaphysical*). Em defesa da metafísica, Dahlberg afirma que nunca se está livre dos pontos de vista metafísicos (idealismo, existencialismo, empirismo, realismo epistemológico, etc.), porque eles pertencem à nossa própria natureza. Portanto, devemos ter clareza sobre a influência da metafísica sobre a organização do conhecimento e sobre o uso de sistemas ordenados de conceitos.

Seguindo essa mesma linha, Dahlberg (1991, pp. 116-117) defende a necessidade de começar a construir sistemas de ordenação (*ordering systems*) de acordo com as sete subáreas descritas, tomando distância de sentimentos e “qualquer tipo de pragmatismo” (*any kind of pragmatism*). Dessa maneira, afirma a autora, seria possível construir sistemas de ordenação de conceitos harmonizados no que chama de “transcendentais” (*transcendentals*) – espécies de atributos divinos (*divine attributes*). Os transcendentais de Dahlberg são assim definidos: *Unum*: o sistema deve ser visto por um único ponto de vista, como um todo original e estrutural; *Verum*: o sistema deve ser verdadeiro, correspondente com a realidade e aplicável corretamente a todos os casos de uso; *Bonum*: o sistema deve ser útil para todos; *Pulchrum*: o sistema deve ser “querido” por todos.

Nesse sentido, como mencionado, pode-se dizer que Dahlberg não contempla em sua teoria aspectos dinâmicos, como o uso dos conceitos na linguagem, isto é, em universos de produção e uso de conceitos que não sejam os científicos. O que pode ser verificado na seguinte afirmação: “Se nossas ciências são construídas sobre proposições e elas podem ser consideradas como unidades de conhecimento, então tais unidades devem ser passíveis de verificações científicas” (Dahlberg, 1978b, p. 5). Em seguida, justifica sua afirmação sobre as proposições científicas e verdadeiras por meio da capacidade que o ser humano possui de fazer “[...] afirmações corretas sobre coisas reais (itens empíricos) e sobre idéias que só existem em sua mente [...]”.

Em outro contexto, por exemplo, Ranganathan afirma que o conhecimento é um “*continuum* dinâmico” configurado por um “Universo de assunto dinâmico, infinito, multi-dimensional e sempre turbulento.” (Ranganathan, 1967, p. 373 apud Campos, 2001, p. 31). Uma lei da física, dados estatísticos, uma teoria, ou uma proposição, são conhecimentos aproximados, como diria Bachelard (2004), mas *nunca* absolutamente verdadeiros.

3. RETROSPECTIVA CRÍTICA DO CONCEITO

María Pozzi no artigo “*The concept of ‘concept’ in terminology: a need for a new approach*” faz uma retrospectiva histórica sobre os conceitos na Filosofia, nas Ciências Cognitivas, na Neurologia e na Terminologia, levantando problemas de definição e fazendo uma análise crítica sobre as posições teóricas e normativas sobre os conceitos na Terminologia. Seu posicionamento pode ser estendido à área de Organização da informação e do conhecimento, reconhecidamente relacionada à Terminologia, à Linguística Documentária, à Análise Documentária, enfim, à disciplinas do campo da Documentação que, de certa maneira, estão calcadas na Teoria do Conceito de Dahlberg.

Como na maioria dos trabalhos sobre o conceito, Pozzi (1999) parte da pergunta “O que são conceitos?”, desenvolvendo outras questões que nos interessam, como: os conceitos existem realmente? O que eles representam? Como eles se relacionam com os objetos e com a linguagem? Como são concebidos e apreendidos? Como são armazenados e recuperados no cérebro?

É claro que nenhuma das perguntas acima terá uma resposta totalmente satisfatória ou definitiva, mas a recuperação dos pontos de intersecção de algumas disciplinas (em parte

seculares) em torno do conceito nos proporciona o referencial necessário para entender que o conceito não é apenas objeto para construção de sistemas ordenados e de operações lógico-semânticas e normativas.

Retornando à discussão sobre os conceitos, a Filosofia foi a primeira área do conhecimento a se preocupar com a natureza e a origem dos conceitos. A Lógica se interessa por funções e atributos dos conceitos. A Psicologia Cognitiva estuda as categorias e as representações linguísticas do conhecimento por conceitos. As Ciências Neurológicas estão interessadas no estudo do armazenamento e recuperação dos conceitos por um viés físico e fisiológico. (Pozzi, 1999).

Por outro lado, a afirmação de que o conceito é a base de todo trabalho terminológico é contestada por Pozzi (2000, p. 3):

[...] ya que como ha sido demostrado en varios trabajos de psicología cognitiva, no se sabe todavía cómo conceptualiza el ser humano aunque sí se sabe que cada persona conceptualiza de manera diferente y que aún una misma persona conceptualiza de manera diferente en distintas circunstancias. Por esto, los conceptos carecen de la precisión necesaria en terminología.

A crítica de Pozzi (2000) pode ser aplicada à concepção de Wüster (1998), que considera o conceito como o ponto de partida para o trabalho terminológico, e à ausência de posicionamento de Dahlberg sobre os conceitos que não se enquadram na categoria técnico-científica. Outros tipos de conceitos não seriam conceitos, pois, não podem ser operacionalizados em um sistema ordenado pode devido à questões polissêmicas e plurissignificativas?

É importante destacar que Pozzi (2000) ao estabelecer sua crítica à posição, também adotada pela ISO 704, da centralidade do conceito no trabalho terminológico, toma como base a psicologia cognitiva, deixando claro que diferentes abordagens em torno do conceito têm influência nas teorias e ferramentas da Organização da informação e do conhecimento.

Nessa mesma linha, outro exemplo, também dado por Pozzi (2000), contempla a crítica à norma que define a indispensabilidade e a exaustividade da descrição das características do conceito, propostas na ISO 704. Esta perspectiva já estava presente na proposta de teoria do conceito de Dahlberg (1978a) quando esta se refere à “soma total de características” e à fixação dos conteúdos dos conceitos por meio da linguagem. Vejamos o que nos diz Pozzi a esse respeito:

Los conceptos, de acuerdo con la ISO 704, están formados por un conjunto de características que a su vez consisten en la abstracción de las propiedades de una clase de objetos. Para caracterizar apropiadamente un concepto es necesario distinguir entre dos tipos de características: esenciales y no esenciales, siendo las primeras las que son indispensables para la comprensión del concepto. Sin embargo, para analizar un concepto correctamente, idealmente se deberían analizar exhaustivamente todas y cada una de las características que lo componen con el fin de asegurar que no se está dejando fuera ninguna característica esencial. La realidad nos demuestra que esto no siempre es posible: en primer lugar, cualquier investigación sobre un concepto

dinámico tomaría una cantidad de tiempo infinita para asegurar que se incluyeron todas las características esenciales, dando como resultado que dicha investigación no fuera viable; y en segundo lugar, existen objetos que aunque sabemos que existen, no entendemos todavía lo que son, como ‘vida’, ‘átomo’, etc., y otros que aunque sabemos lo que son, cada quien los interpreta a su manera, como ‘democracia’, ‘belleza’, ‘honestidad’, etc.; entonces, cómo se pueden determinar las características esenciales de objetos que no podemos precisar bien lo que son? Por otra parte, en los años 60, se desarrollaron algunas teorías respecto a la conceptualización que afirmaban que la clase de objetos que corresponden a un concepto está limitada y delimitada por una lista de características que producen una intensión y extensión fijas, que es lo mismo que se afirma en la ISO 704 (pág. 4). En el campo de la psicología cognitiva, estas teorías fueron rechazadas ya que no existe base psicológica para determinar las características que forman los primitivos de esos conceptos ni tampoco se definieron las características de los objetos más simples. (Pozzi, 2000, p. 4).

O conceito é exemplo da dificuldade de propor uma totalidade de características essenciais sem provocar a redução de sentido, favorecendo sua operacionalização em oposição à sua dinamicidade e abrangência.

As diferentes formas de concepção do conceito afetam direta e/ou indiretamente os ambientes nos quais os próprios conceitos são objetos de análise e uso. É possível dizer que diferentes abordagens sobre os conceitos também implicam diferentes propostas de teorias e instrumentos de organização da informação e do conhecimento.

Para Hjørland (2008), apesar de o conceito ser importante para a Organização do Conhecimento, em especial na construção de tesouros e em outras ferramentas semânticas, há uma diversificação no entendimento do próprio conceito. Nesse sentido, Hjørland estabelece o primeiro passo para uma análise mais precisa do conceito: esclarecer por quais motivos um conceito será usado, identificando o tipo de trabalho a ser realizado, qual o conceito de conceito será adotado e como ele influenciará o desenvolvimento da tarefa.

Por isso, citando Soergel et al, Hjørland (2008, p. 1) afirma que “O maior desafio na recuperação da informação é a *identificação de conceitos* em um *domínio de interesse específico*.” Mas, na visão do autor, a busca por um entendimento maior sobre o conceito passa, logo de início, por um erro. Tal erro é separar os estudos sobre semântica e significado das palavras dos estudos sobre o conceito. Para isso não poderia acontecer, pois, ambos se referem à mesma coisa.

A concepção de que os conceitos são significados das palavras baseia-se na Linguística. Fugmann (2004 apud Hjørland, 2008) aponta para a centralidade do conceito no campo da informação e diz que os conceitos não dependem, necessariamente, de expressões lexicais, tanto em linguagem natural como técnica. Nesse mesmo sentido, afirma que, “[...] alguns conceitos nunca terão uma unidade lexical correspondente em linguagem natural, mas sim notações classificatórias”. (Fugmann, 2004 apud Hjørland, 2008, p. 1).

Hjørland dá como exemplo a palavra “escola” que pode representar conceitos diferentes como “local de aprendizagem” e “escola de pensamento”. Da mesma forma, o conceito “escola de pensamento” pode ser expresso por diferentes palavras como “paradigmas” ou

“perspectivas”. Já nas classes dos sistemas de classificação os conceitos podem ser considerados iguais a notações. O conceito “psicologia” corresponde à classe 150 na CDD. Trata-se de dupla codificação, ou seja, sinonímia entre expressão verbal e notação numérica.

Com isso, Hjørland pretende ampliar a abordagem sobre o conceito, sem resumí-la a um léxico. Para o autor, uma concepção importante é proposta por Sowa (1984, p. 344 apud Hjørland, 2008, p. 2):

Os conceitos são invenções da mente humana usados para construir um modelo de mundo. Eles empacotam a realidade em unidades discretas para posterior processamento, são poderosos mecanismos de apoio para a lógica, eles são indispensáveis para uma precisa e extensa cadeia de raciocínios. Porém, conceitos e perceptos não podem formar um perfeito modelo de mundo, - eles são abstrações que selecionam aquelas funcionalidades que são importantes para uma finalidade, mas ignoram os detalhes e complexidades que podem ser muito importantes para outras finalidades.

Apesar de Sowa incorporar a ideia de que os conceitos são invenções da mente humana, de que os conceitos constroem modelos de mundo, que eles “empacotam” a realidade, que são indispensáveis para os raciocínios lógicos e que ignoram complexidades e detalhes que não estejam previstos em seus objetivos, é a ideia de finalidade que é ressaltada por Hjørland. A finalidade dos conceitos atende à perspectiva de uso de conceitos e está inserida na tradição pragmática, opondo-se à visão de universalidade dos conceitos, predominante na tradição clássica e racionalista.

Além de estabelecer uma dinâmica muito maior, a possibilidade de estar em contato permanente com acontecimentos da realidade, projetando-a em conceitos de acordo com objetivos e finalidades específicos, a pragmática desloca os conceitos do universal para o específico, delimitando e tornando-os claros e objetivos.

Mas, definir um conceito de acordo apenas com seu uso não é suficiente. Segundo Hjørland (2008, p. 2) “Quando usamos linguagem e termos, realizamos algum tipo de ato, com a intenção de fazer alguma coisa. Os diferentes significados dos termos que usamos são ferramentas mais ou menos eficientes para ajudar a realizar aquilo que queremos fazer”. Ou seja, aquilo que queremos fazer, que queremos realizar, nossos objetivos na verdade, é que concorrem para definir um conceito. Dessa forma, para Hjørland, citando a filosofia pragmática de Charles Sanders Peirce, o significado de um termo não é determinado apenas pelo seu passado, mas também pelo seu futuro.

Baseado em Smith, Ceusters e Temmerman (2005 apud Hjørland, 2008, p. 2), Hjørland aponta outras quatro perspectivas, além da pragmática e da racionalista, que podem ser destacadas na abordagem dos conceitos: a psicológica, a linguística, a epistemológica e a ontológica.

- a perspectiva psicológica vê os conceitos como entidades mentais, análogas às ideias ou crenças;
- na perspectiva linguística, os conceitos são significados para termos gerais;
- na perspectiva epistemológica os conceitos são unidades de conhecimento;

- na perspectiva ontológica os conceitos são abstrações de classes (gêneros/espécies), atributos ou propriedades (isto é, dos padrões invariantes gerais que correspondem às entidades no mundo).

De acordo com a teoria que se esteja usando para analisar os conceitos, muitas diferenças podem surgir, mas isso não significa que uma teoria do conhecimento não possa abarcar alguns ou todos os aspectos relevantes das perspectivas citadas. Dessa maneira, os conceitos podem ser o entendimento das pessoas e o resultado de abstrações que são expressas por termos gerais.

Hjørland concorda com a ênfase no realismo, porém afirma que as formas de entendimento dos conceitos não são necessariamente conflitantes. Quando Smith, Ceusters e Temmerman dizem que os conceitos podem ser entendidos como:

- ideias na cabeça das pessoas;
- significado das palavras;
- conhecimento consensual entre especialistas de uma disciplina ou;
- os tipos (classe/gênero/espécie) de entidades no mundo.

Este ponto de vista não está livre de problemas. Segundo Hjørland, existem diferentes pontos de vista sobre os conceitos psicológicos, diferentes visões da linguística, assim como diferentes visões da epistemologia e da ontologia.

Estes diferentes pontos de vista são inter-relacionados (interligados) de uma maneira que um ponto de vista psicológico combina (coincide) com um ponto de vista linguístico que coincide com um ponto de vista epistemológico que coincide com um ponto de vista ontológico ou metafísico. Se este não for o caso, nenhuma das teorias poderia ser razoavelmente consistente. (Hjørland, 2008, p. 3).

Sobre as diferentes perspectivas de abordagem dos conceitos, Hjørland dá um exemplo do entrecruzamento de diversas disciplinas, partindo do inatismo dos conceitos:

A ideia do inatismo dos conceitos é relacionada ao cognitivismo na psicologia, à teoria linguística de Noam Chomsky, ao racionalismo na epistemologia e ao platonismo na metafísica. Correspondentemente, a teoria dos conceitos como enraizada na experiência individual é relacionada ao behaviorismo na psicologia e na linguística, ao empirismo na epistemologia e ao idealismo subjetivo na ontologia.

Em outras palavras: uma ontologia realista é uma importante base para a teoria do conceito. Tal projeto é, no entanto, relacionado a uma teoria realista de ambas psicologia, linguística, epistemologia e ontologia. A fim de desenvolver uma teoria consistente todos os quatro aspectos devem ser levados em consideração. (Hjørland, 2008, pp. 3-4).

Hjørland defende, portanto, que uma teoria do conceito consistente é aquela que tenta integrar diversas concepções teóricas e filosóficas sobre o conceito. A adequação ou inadequação dos conceitos pode variar de maneira dinâmica e abrangente, pois a forma

particular de classificar as coisas no mundo pode se inverter e/ou se contradizer, de uma cultura para outra ou de uma sociedade para outra. Esta é uma questão voltada para a pragmática dos conceitos, que envolve um tipo de representação dos acontecimentos da realidade que se apresentam a uma determinada cultura e/ou sociedade. A forma de apresentação da realidade depende da maneira como tal realidade é conceituada e classificada. Em um sistema consistente, as classes de objetos devem ser formadas a partir dos traços que os unem diante de um determinado objetivo. Para Hjørland (2008, p. 4) “Um objetivo comum ou um uso comum é o princípio que une as classes e que forma os conceitos.”

Como já mencionado, a ideia de adequação e uso para um fim específico configura-se como uma visão pragmática dos conceitos. De acordo com Hjørland, tal visão é partilhada por pesquisadores das Ciências Cognitivas e da Inteligência Artificial, embora, para o autor, a relação homem-máquina tenha levado à simplificações. A operacionalização de conceitos, especialmente no ambiente de máquina, apenas pode ser realizada com alguma eficiência a partir da simplificação, fato que está muito aquém, e talvez nem possa ser comparada com a complexidade operada pelo cérebro humano.

O que predomina na operacionalização de conceitos é o paradigma adotado pelos domínios do conhecimento. Os conceitos científicos, por exemplo, são desenvolvidos a partir de opiniões científicas e se caracterizam de acordo com a teoria adotada para sua conceitualização. De acordo com esta conceitualização é que o conceito será classificado. “O conceito de 'ouro', por exemplo, é visto como um elemento químico pertencente ao grupo de metais de cunhagem, baseado na teoria atômica. Baleias são vistas como mamíferos, não como peixes, baseado na teoria evolucionária” (Hjørland, 2008, p. 4).

Ainda segundo Hjørland, se adotarmos o ponto de vista psicológico ou o ponto de vista realista para conceituar e classificar “baleias”, teríamos que satisfazer algumas condições.

Do ponto de vista psicológico:

- [Baleias] são conceitos/ideias nas cabeças das pessoas (isto é, a capacidade de uma pessoa para identificar as baleias como entidades do mundo)
- O significado da palavra “baleia” é “uma espécie de mamífero”
- De acordo com especialistas em uma disciplina, baleias são mamíferos
- Baleias são tipos (classes/gêneros/espécies) de entidades no mundo

Do ponto de vista realista:

- Baleias são tipos (classes/gêneros/espécies) de entidades no mundo
- De acordo com especialistas de uma disciplina, Baleias são mamíferos (desde que os cientistas definam uma taxionomia biológica definindo baleias por gênero e espécie)
- O significado da palavra “baleia” é “uma espécie de mamífero” (a classificação científica vem do conhecimento geral e é refletida em uma linguagem geral)
- [Baleias] são conceitos/ideias nas cabeças das pessoas (isto é, a capacidade de uma pessoa identificar as baleias como entidades do mundo depende do conhecimento biológico do indivíduo).

As posições estão invertidas: do ponto de vista psicológico, as baleias são conceitos que estão na mente das pessoas e depois são identificadas como entidades no mundo. Já na visão realista, as baleias existem como entidades no mundo e depois se transformam em conceitos na mente das pessoas.

Há no exemplo apresentado um ponto de discussão interessante sobre construções subjetivas e realistas de conceitos. Se os conceitos primeiro se apresentam como representações mentais ou se apresentam por meio da análise científica de objetos da realidade, são afirmações que não podem ser feitas separadamente, pois, elas se afetam mutuamente.

Para Hjørland (2008) a exatidão e a pontualidade dos conceitos terminam quando entram em conflito com outros conceitos desenvolvidos para a mesma finalidade. Isso ocorre quando os conceitos ultrapassam os limites de seus objetivos iniciais.

Exemplo:

Em agosto de 2006, a União Astronômica Internacional redefiniu o termo ‘planeta’, e classificou Plutão juntamente com alguns asteróides como planeta anão. Neste caso, o conceito de espécie ‘planeta’ foi redefinido, e conseqüentemente o sistema de classificação usado para classificar os corpos celestiais. (Podemos também dizer que o conceito de ‘planeta’ foi modificado). Nem todos concordam com esta mudança na espécie de um conceito, mas o exemplo mostra como espécies de conceitos são construídas cientificamente de forma a servir nossa compreensão dos fenômenos. Uma maneira específica de definir um conceito ou uma espécie pode ser mais ou menos fundamentada e aceita, mas a definição não pode ser considerada como algo mas uma parte da construção representações científicas.

São inúmeros fatores e aspectos que poderiam ser incorporados aos pontos abordados acima, mas é importante frisar que todas as teorias e filosofias sobre o conceito enriquecem o campo da Organização da informação e do conhecimento. Se considerarmos, com Hjørland (2008), que os conceitos são os elementos básicos e essenciais das áreas do conhecimento, a organização do próprio conhecimento é, de certa forma, organização de conceitos que podem ser influenciados por todas as perspectivas que analisamos até o momento.

4. PERSPECTIVAS TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICAS: O DISCURSO BRASILEIRO

Partindo da constatação de que o discurso de pesquisadores como Dahlberg, Pozzi e Hjørland variam de acordo com as perspectivas teórico-epistemológicas adotadas, decidimos verificar quais variações (se elas existem) podem ser encontradas no discurso dos pesquisadores brasileiros que publicaram trabalhos sobre o conceito.

Selecionamos 15 títulos de periódicos (*online*) brasileiros de Ciência da Informação: *Brazilian Journal of Information Science*; *Ciência da Informação*; *DataGramaZero*; *Em Questão*; *Encontros Bibli*; *Informação & Informação*; *Informação & Sociedade*; *Liinc*; *Perspectivas em Ciência da Informação*; *Ponto de Acesso*; *Revista ACB*; *Revista Brasileira*

de *Biblioteconomia e Documentação*; *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*; *Revista Ibero-americana de Ciência da Informação*; *Transinformação*. Contamos com uma cobertura de tempo de 1972 a 2009. Entre todas as revistas, 356 volumes foram analisados.

Como estratégia de levantamento optamos pela busca do termo “conceito” (e as variantes: conceitos, conceitual e conceituais) nos campos de texto completo nas páginas das revistas. A frequência e a centralidade do conceito nas abordagens dos artigos foram os principais critérios de seleção. O *corpus* final de análise contou com 42 artigos.

Através de análise de citações do *corpus* identificamos ocorrência e frequência de autores. Usamos recursos da análise de conteúdo para coleta e análise de fragmentos textuais para identificar linhas de força teórico-epistemológicas e teórico-metodológicas no *corpus* selecionado. Procuramos classificar como teórico-epistemológicos artigos que apresentassem perspectivas filosóficas, linguísticas e lógico-semânticas na abordagem do conceito. Teórico-metodológicos são os artigos com forte preocupação operacional, apresentando análises estruturais, análise de redes, propostas de modelagem e de organização de sistemas de conceitos. Também voltados para a discussão das teorias da classificação, normas terminológicas e organização de conceitos em tesouros, taxonomias e ontologias. Do total de artigos foi possível identificar 16 teórico-epistemológicos e 26 teórico-metodológicos.

Devido ao volume de dados coletados, apresentaremos a seguir a discussão dos principais resultados da pesquisa.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Existe um conjunto variado de tendências teórico-epistemológicas e teórico-metodológicas sobre o conceito na Organização da informação e do conhecimento nos artigos dos pesquisadores brasileiros. Tais tendências ficaram mais explícitas na análise dos artigos. Desta forma, pode-se dizer que:

a) o conceito é abordado majoritariamente para fins operacionais: construção ou análise de instrumentos (classificações, tesouros, ontologias);

b) a Teoria do Conceito de Dahlberg é presença constante, associada à Teoria Geral da Terminologia e à Teoria da Classificação Facetada de Ranganathan;

c) há abordagens lógicas, voltadas para a organização de sistemas de conceitos;

d) são apresentadas diferenças entre ontologias e tesouros - neste caso, as características e relações entre as unidades constantes de cada um deles;

e) a abordagem linguística também está presente, via de regra, associada à Teoria Comunicativa da Terminologia e à Socioterminologia;

f) em alguns textos há abordagem filosófica. Neste caso, a preocupação é epistemológica, apresentando visão crítica do sistema conceitual da área da Ciência da informação.

A maior parte dos artigos está diretamente relacionada a questões operacionais em torno do conceito. Nesta perspectiva, existe um corpo teórico-metodológico constituído por pesquisas já sedimentadas na área de Organização da informação e do conhecimento no Brasil. As principais abordagens destas pesquisas estão pautadas na relação entre a Teoria (analítica) do conceito, a Teoria da classificação facetada, a Teoria geral da terminologia e a ontologia. Dessa forma, autores como Dahlberg, Ranganathan, Wüster e Guarino são presença constante nos artigos analisados. Voltadas para a organização de sistemas de conceitos, as linhas de força teóricas destes artigos estão calcadas, fundamentalmente, na lógica aristotélica, melhor representada pelas *categorias* e pelo princípio de fixação do significado ou conceitos por meio de juízos e proposições verdadeiras; características básicas da filosofia analítica e do positivismo lógico.

Podemos afirmar, no entanto, que a discussão crítica da visão aristotélica, da filosofia analítica e do positivismo lógico não é prioridade nas discussões teórico-metodológicas. Encontramos explicitamente pontos de abordagem sobre as categorias e lógica aristotélica nas análises sobre teoria do conceito e teoria da classificação, mas não encontramos referências diretas à filosofia analítica e ao positivismo lógico.

O outro conjunto de artigos é de natureza teórico-epistemológica, com foco na discussão conceitual da área da Ciência da informação, mas não especificamente do conceito na Organização da informação e do conhecimento. As diferenças deste conjunto de artigos para aqueles já discutidos está na forma e nas teorias que fundamentam a abordagem do conceito. Não há um recurso exclusivo das abordagens à operacionalização de conceitos, mas à discussão de algumas teorias frequentes na área, como é o caso da Teoria comunicativa da terminologia e da Socioterminologia, e outras não tão frequentes, como é caso da semântica do conceito e da história dos conceitos.

Os artigos que abordam a construção conceitual da área de Ciência da Informação fogem ao escopo de nossa análise, pois, relacionam-se à análise de conceitos como os de informação e documento, por exemplo, na constituição científica e epistemológica da área. É importante lembrar que a abordagem efetuada em nossa pesquisa direciona-se apenas ao objeto conceito, naquilo que chamamos *ordem* dos conceitos na Organização da informação e do conhecimento. Sem a ideia de ordenação de conceitos no sentido estrito, procuramos falar do conceito em relação à filosofia, à ciência, à linguagem, a determinados aspectos de sua formação e na concepção da Organização da informação e do conhecimento. Mas, a manutenção destas abordagens na análise é fundamental, pois, demonstram novas perspectivas de análise de conceitos que não precisam estar, necessariamente, no domínio da Organização da informação e do conhecimento.

Dessa maneira, podemos concluir que:

As principais linhas de força teórico-metodológicas estão centradas em Dahlberg, Ranganathan e Wüster, com forte influência da lógica filosófica. No campo teórico-epistemológico, além da apresentação de novas vertentes na organização de sistemas de conceitos, também são apresentadas abordagens filosóficas, linguísticas, semânticas, hermenêuticas e epistemológicas, tanto sobre a formação e fronteiras dos conceitos, como sobre a construção de conceitos em campos disciplinares. Neste último caso, não é possível afirmar, além da linguística, da semântica e da filosofia, quais áreas do conhecimento têm maior influência

nas pesquisas sobre o conceito na Organização da informação e do conhecimento no Brasil, pois, algumas pesquisas ainda são recentes.

Não foi possível confirmar se as variações nas abordagens sobre o conceito afetam as metodologias de construção de instrumentos de Organização da informação e do conhecimento.

A ausência de crítica pode promover operacionalização irrefletida. De fato, são poucas as críticas às teorias e metodologias sedimentadas na organização de sistemas de conceitos, cuja base é analítica e lógico-positivista.

Por outro lado, a ausência de posicionamento crítico pode ser atribuída a questões de ordem prática. As revistas definem, em geral, um padrão máximo de número de páginas de artigos a serem submetidos para publicação. Esse fator, em muitos casos, leva o autor a sacrificar a apresentação dos aspectos teóricos de um trabalho, para privilegiar os aspectos metodológicos e os dados empíricos de uma pesquisa.

É possível dizer que existe uma forte tendência filosófico-pragmática, especialmente no campo da linguagem, sobre as análises teórico-epistemológicas do conceito. Nos artigos que analisam o conceito na perspectiva da Filosofia da linguagem, da Semiótica, da Linguística, da Teoria comunicativa da terminologia e da Socioterminologia, é possível encontrar fundamentação pragmática sobre o uso da linguagem e dos conceitos. Nos artigos de caráter epistemológico e hermenêutico esta fundamentação não é dominante, pois, o foco não está direcionado para o uso de conceitos ou da linguagem, mas para a construção dos conceitos científicos dentro de uma determinada área.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa procuramos identificar as correntes que fundamentam os trabalhos da área da Organização da informação sobre o conceito e os sistemas de conceitos. Nessa perspectiva, foram analisados os discursos produzidos por pesquisadores brasileiros. Observamos que há variação de correntes e linhas epistemológicas e metodológicas sobre o conceito que convivem na área da Organização da informação e do conhecimento. Essas discussões têm abordagem dogmática ou crítica. De todo modo, deve-se insistir sobre a necessidade de aprofundar as pesquisas sobre os fundamentos básicos das teorias e metodologias já sedimentadas no campo para evitar processos de apropriação de conceitos de forma desordenada e irrefletida.

Constatamos, por outro lado, que o conhecimento produzido sobre o objeto está disperso. Seria de todo interessante que as pesquisas específicas sobre os fundamentos epistemológicos que estão na base das teorias e metodologias sobre o conceito e sua operacionalização, sejam sistematizadas e publicadas sob a forma de obras didáticas. Dito de outra forma, seria importante que as propostas de autores clássicos, como Ranganathan, Wüster e Dahlberg, sejam disponibilizadas no espaço brasileiro sob a forma de livros. Seria importante, também, discutir criticamente essas propostas, confrontando-as com as teorias pragmáticas presentes na Teoria Comunicativa da Terminologia e na Socioterminologia. Da mesma forma, seria fundamental a publicação de coletâneas dos autores brasileiros. Também

eles já se configuram como clássicos da literatura sobre a Organização da informação e do conhecimento, fato que ficou comprovado na análise de citações.

Uma última questão deve ser colocada. Esta pesquisa é apenas um primeiro passo nas discussões epistemológicas, teóricas e metodológicas sobre o conceito no interior das reflexões e operações de organizar informação para circulação e acesso. Fica como sugestão para estudos futuros a análise de teses, dissertações, trabalhos de eventos e livros, como forma de obter um panorama mais abrangente sobre o tema.

7. BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston. *Ensaio sobre o conhecimento aproximado*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. *Linguagem Documentária: teorias que fundamentam sua elaboração*. Niterói: EdUFF, 2001.
- DAHLBERG, Ingtraut. “O futuro das linguagens de indexação”. Tradução Henry B. Cox. In: *Anais da Conferência Brasileira de Classificação Bibliográfica*. Brasília: IBICT/ABDF, 1979a, v. 1, pp. 323-334. Acesso em: 02/10/2005. Disponível em: <http://www.conexaorio.com/bitl/dahlberg/index.htm>
- DAHLBERG, Ingtraut. “Philosophical foundations of conceptual ordering systems”. *Advances in Knowledge Organization*, 1991, n. 3, pp. 102-119.
- DAHLBERG, Ingtraut. “Teoria da Classificação, ontem e hoje”. Tradução Henry B. Cox. In: *Anais da Conferência Brasileira de Classificação Bibliográfica*. Brasília: IBICT/ABDF, 1979b, v. 1, pp. 352-370. Acesso em: 02/10/2005. Disponível em: http://www.conexaorio.com/bitl/dahlbergeoria/dahlberg_teorla.htm
- DAHLBERG, Ingtraut. “Teoria do conceito”. Tradução de Astério Tavares Campos. *Ciência da Informação*, 1978a, v. 7, n. 2, pp. 101-107.
- DAHLBERG, Ingtraut. *Uma teoria para o interconceito: teoria analítica do conceito voltada para o referente*. 1978b. Tradução Vânia Teixeira Gonçalves. Acesso em: 06/03/2008. Disponível em: <http://dataware.nce.ufrj.br:8080/dataware/seminarios/2002/fisico/seminariosInternos/2002/Teoria%20do%20Conceito.doc>
- FRANCELIN, Marivalde Moacir. *Ordem dos conceitos na organização da informação e do conhecimento*. São Paulo: USP, 2010. (Tese de Doutorado).
- HJØRLAND, Birger. *Concept in Knowledge Organization*. In: Hjørland, Birger. *Lifeboat for Knowledge Organization*. 2008. Acesso em: 16/08/2008. Disponível em: http://www.db.dk/bh/lifeboat_ko/CONCEPTS/concept_in_knowledge_organizatio.htm
- POZZI, María. “ISO 704 e ISO1087-1: dos normas del ISO/TC37 en conflicto”. In: *Anais do VII Simpósio Riterm*, 2000. Acesso em: 20/09/2008. Disponível em: <http://www.riterm.net/actes/7simposio/pozzi.htm>
- POZZI, María. “The concept of ‘concept’ in terminology: a need for a new approach”. In: *Proceedings of International Conference on Terminology and Knowledge Engineering TKE'99*, 5, 1999, Innsbruck. Viena: TermNet, 1999, pp. 28-42.
- WÜSTER, Eugen. *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1998.